



O Gaiato

2 DE OUTUBRO DE 1971

ANO XXVIII — N.º 719 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



«Nas casas de Família todos os filhos trabalham nas ocupações de que são capazes.» Aqui estão a partir lenha, que o fogão arde doze horas por dia!

LOURENÇO MARQUES

Abramos o jornal. Se não na primeira página, com certeza nas interiores não faltará (contem-se num ano — pelo menos, no tempo do cacimbo — os dias em que sim) a fotografia (quase sempre no plural) retratando gentes em volta da mesa de um banquete. São jantares e almoços; «pôres do sob» e recepções; toda uma variedade de «parties» — a propósito de alguém que chega ou que parte, ou passa, simplesmente... e é mister brindar, homenagear. Aqui é verdadeiramente uma terra de notáveis!

Não sei como era no tempo em que só o mar era caminho... Não sei como e onde eram recebidas as «very important personalities», porquanto o Cais do Gorjão não tem onde abrigar do sol ou da chuva o pobre emigrante que chega. Mas a Sala dos VIP no Aeroporto de Mavalane, essa tem muito uso. Lê-se e vê-se nos jornais de cada dia...

Ontem fui ao Hospital Miguel Bombarda, àquela sector dos pequeninos onde as boas Irmãs Missionárias de Maria dulcificam o sofrimento e emprestam graça ao velho casarão de estilo colonial.

Fui dar com duas em volta de um doentito, que ainda não terá dois anos, na tarefa difi-

cil de lhe procurar uma veia em que espetar a agulha portadora do soro.

Que tem o menino? — perguntei.

Sub-alimentação — responderam.

Agora, abramos o Evangelho. Também é jornal! Relata-nos o que Jesus Cristo disse e fez «naquele tempo»... E sendo Ele a agir, o que disse e fez é actual até ao fim do Tempo! Abramos, pois, em Lucas 14/12-14: «Disse ainda Jesus a quem o convidara: — Quando ofereceres um almoço ou

um jantar, não chames nem os teus amigos nem os teus irmãos, nem os teus parentes nem os teus vizinhos ricos. Eles poderiam também convidar-te por seu turno, e assim te seria retribuído.

Quando ofereceres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. E serás feliz, por eles não terem que retribuir-te, pois ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos».

Disse Jesus, o acusado de comer com os pecadores e os publicanos!

A luz de Cristo, Palavra de Deus, Palavra de Salvação, que risco esta inflação de banquetes!

Sejam, ao menos, mais discretos — se puderem...! — os fotógrafos e os jornalistas.



Quadros da nossa vida — É o mais pequenino de todos. Veio do mato. Andava por lá perdido e mal sabia falar a nossa linguagem. Fazia gestos. Por eles adivinhávamos o que se passava no seu íntimo. Tudo nele mudou depois de entrar no nosso mundo. É uma criança encantadora. Tem um desejo muito grande de

carinho. Sempre que pode pega na mão dos mais velhos e nela se apoia. E eles correspondem.

Cont. na SEGUNDA página

BENGUELA — Um talhão de bananeiras.

Tribuna de COIMBRA

Todos os desta família tivemos férias. Férias no acampamento à beira-mar. As férias são uma exigência para quem trabalha o ano inteiro e são-no para os que estão em crescimento, especialmente crianças. Alguns só tivemos uns dias contados, pois a vida exigia a nossa presença em Casa. Os mais pequeninos estiveram mais tempo, até crescer bem a pele. Regressámos todos felizes.

Este bem que sentimos, dese-

jamos que todos tenham sentido. Que todos tivessem férias. Que todos os necessitados de areias do mar os pudessem ter. Que todas as crianças pudessem ter praia. Que todos os homens necessitados de repouso, o pudessem ter. Que todos os necessitados de tratamento o recebessem.

Nos sábados e domingos de Agosto falámos e pedimos nas missas de três praias e duas termas do centro. Prêgamos esta mesma doutrina. A vida do homem. O valor do homem. O homem como dom de Deus. O homem fruto do amor de Deus. O homem digno de amor. Todos os homens dignos de amor.

E centrados nesta verdade de que o homem é digno de amor, nós entendemos a necessidade de férias para todos. E neste pensamento repartiríamos o nosso supérfluo e até aquilo de que precisamos. O outro tem um talher à minha mesa. Tem um quarto em minha

Cont. na QUARTA página.



Cinco ou seis meses após o lançamento da segunda edição do primeiro volume do «Isto é a Casa do Gaiato» (o segundo volume já está no prelo), mantém-se vivo o interesse entre os seus leitores — que são milhares!

Todos os dias o correio traz legendas saborosas e valiosos depoimentos, motivados por reflectida leitura deste volume de Pai Américo, que o tempo não corroi, porque alimentado na força imanente do Livro da Vida.

Há presenças de alma tão aberta, que vão longe nos seus considerandos! Pai Américo perdoa o excesso — com certeza. E também a nós — que não resistimos a publicá-los, por amor filial — que o tempo amadurece e aviva.

Ouçamos, com atenção, este Moço, estudante em Lourenço Marques:

«... decidi-me hoje a realizar o que há muito trago em mente, ou seja, manifestar-lhe toda a minha sincera e profunda admiração pela vossa Obra.

O que me levou a tomar esta atitude peremptória, foi o vosso livro «Isto é a Casa do Gaiato», que adquiri, fortuitamente, a um dos vossos Rapazes, longe de supor — digo-o honestamente — que tinha acabado de adquirir uma «preciosidade».

Tenho lido tratados de filosofia, de psicologia e sociologia; conheço todos os autores portugueses mais representativos; li os maiores «best-sellers»; mas, sinceramente, obra com o impacto e força deste livro, — que já li, reli e tornei a ler — só existe a «Bíblia Sagrada».

Ele é, simultaneamente, tão simples e majestoso, que o melhor elogio a atribuir-lhe, é dizer que não vislumbro na nossa língua — bem rica, aliás — adjectivo que o qualifique.

Areias do CAVACO

Cont. da PRIMEIRA página

Há dias, vi-o correr em direcção ao Chefe maior. Que ia fazer? Pegar-lhe na mão, ao mesmo tempo que fitava os seus olhos nos olhos dele. Uma carícia foi o suficiente para o encher e voltar a correr de novo para o meio dos da sua idade.

Eles são tantos que nunca experimentaram o carinho do pai ou da mãe! Eles são tantos a pedir um pai ou uma mãe! «Tu és o meu pai», dizia, uma vez, a um dos mais velhos. A cada um de nós compete ser um bocadinho pai ou mãe dos que os não têm. E eles são tantos! Quantos pais limi-

O «Isto é a Casa do Gaiato» e os seus Leitores

Pois bem, de tal modo esta obra me prendeu, que eu desejaria me informassem quais os volumes da autoria de Pai Américo que têm à venda... para que eu, devido à minha condição de estudante, os possa encomendar, consoante as minhas possibilidades...»

Escusado será dizer que, na volta do correio, despachámos, sem condições, todos os livros que possuímos em estante.

Mais retalhos, de leitores atentos cuja reflexão proveitosa não são capazes de fechar à chave — e muito bem. E publicadas — anonimamente como é timbre do «Famoso» — são benefício para uma legião de entusiastas.

Aqui está outro do Lobito: «Ao referir-me à obra (ao «Isto é a Casa do Gaiato») não tenho palavras para exprimir o que representa para mim. Li-o com grande interesse, por se tratar de uma obra de amor ao Próximo. Ele encerra na verdade todo o amor que Deus deixou no mundo. Todos deviam ler obras como esta, para assim se sentirem mais felizes e próximos uns dos outros. Obrigado Rapazes...»

Mais outro, dos lados de Aguada de Cima:

«... Tenho a dizer-vos que tanto o livro como o «Famoso» me têm ajudado imenso na minha vida — sou professora e, por graça de Deus, mãe de dois pimpolhos encantadores.

Perdoai a insignificância do que vos mando, mas, bem sabeis, ele vem uma vez por mês e tem tanto para onde ir...»

Mais África! É Moludi:

«... Recebi o livro «Isto é a Casa do Gaiato»... Chegou no momento em que dele mais necessitava. Três dos meus cinco filhos, quatro a estudar, não venceram o ano: Ele me lembrou outros, a sofrerem bem mais do que eu...»

Finalmente, entre o muito que ainda fica por publicar, duas sucintas notas muito

simpáticas. Uma da «Viúva do assinante 6108»:

«Desculpa dirigir-me sempre a ti. Mas parece-me não saber tratar com mais ninguém. Caturrice de velha!

Já há muito devia ter acusado o recebimento do «Isto é a Casa do Gaiato». Mas, como já o tinha, portanto serviu logo para um presente de aniversário...»

Esta dos lados de V. N. de Famalicão:

«Neste mesmo correio segue um vale de 100\$00 que se des-

tina ao pagamento do livro «Isto é a Casa do Gaiato». Veio em nome de... Mas, como este senhor está em França e eu sou encarregada do correio, resolvi ficar com o livro, pois gosto muito deste género de livros...»

Mas que senhora tão oportuna! Assim fizessem outros... E não são poucos!

Como é óbvio, o «Isto é a Casa do Gaiato» continua em maré cheia! Vai por Lourenço Marques uma procura tão intensa que, aproveitando bo-leias amigas, remediamos o problema com despachos quinzenais.

Aos leitores eventuais — dis-tantes de cada uma das nossas Casas — esclarecemos, uma vez mais, que podem solicitar os livros de Pai Américo, através dum simples postal, dirigido à EDITORIAL DA CASA DO GAIATO — PAÇO DE SOUSA.

JULIO MENDES

Pelas Casas do Gaiato

Azurara

O penúltimo turno regressou, há dias. As férias acabaram para uns e estão prestes a terminar para toda a comunidade. Fazem sempre bem a toda a gente — sobretudo quando passadas num lugar tão calmo, aprazível e sadio como a praia de Azurara.

O tempo esteve razoável. Pode dizer-se mesmo bom, dando ensejo a ricas banhos e salutares banhos de sol — a quem desejasse regressar a Paço de Sousa moreninho.

Os banhos e as corridas até Mindelo, abriam o apetite. Por isso, a Senhora Emília — minha Mãe — via-se e desejava-se para nos saciar! Eramos à volta de trinta bocas e todos já espigadotes. Vinte e poucas sêmeas ao pequeno almoço, dois panelões — um de sopa e outro de conduto — ao almoço e ao jantar (sempre rapadinhos!) são prova evidente do comunitário apetite devorador!

À despedida não faltaram os bifés e as batatas fritas, assim como uma pratada de creme à sobremesa. No fim do jantar até houve «show», com a participação de algumas das mais famosas «vedetas» da nossa Casa.

O jantar da «despedida» e o aludido «show» estavam para ser realizados num pinhal próximo, o que seria, sem dúvida, interessante e agradável. No entanto, as condições atmosféricas — traíndo as previsões do Senhor Boletim Meteorológico — não permitiram que o projecto se concretizasse! Foi pena; mas nem tudo podia ser bom.

Durante esses quinze dias também nos distraímos com a Televisão e a jogar cartas. Assistimos, ainda, ao tradicional Circuito Automóvel de Vila do Conde, competição que podemos seguir da margem esquerda do Rio Ave.

Assim foram passando os dias — alegres e descontraídos. Até que no último, competiu também aos da limpeza deixar a casa o mais arrumada possível, para os vindouros, o derradeiro turno — por sinal os mais velhos da comunidade de Paço de Sousa — não terem motivos de queixa.

Episódio sempre muito interessante — pela ansiedade de que se reveste — é o aguardar da carrinha. Vão uns, chegam outros. Festa e barafunda. Sorrisos tristes e alegres.

Agora, estamos de novo em Paço de Sousa, dispostos a enfrentar mais um ano de trabalho. Uns na Escola Primária; outros na Telescola e no Liceu; e ainda outros nas oficinas e

no campo (estamos à porta das vindimas!).

Para o ano haverá mais dias iguais se Deus quiser. E que esse «mais» seja bem merecido, pois seremos um ano mais velhos, um bocadinho mais homens. E Deus permita que também mais maduros de espírito. Se for assim, teremos cumprido a nossa missão — e seremos merecedores desse «mais».

Que os nossos estimados leitores tenham gozado, também, umas agradáveis e revigorantes férias — como as nossas — são os votos do

Américo Manuel

Paço de Sousa

Tribunais — Ontem à noite houve tribunal. O «Cereja», o «Grilo» e o «Formiga» fugiram mas foram apanhados.

O primeiro é a segunda vez que experimenta a fuga. O «padrinho» diz que lhe arranja um emprego à beira dele. Palavra que enervam estes «padrinhos» e «madrinhas». Enquanto o «Cereja» não podia ganhar uns tostões, nem vieram visitá-lo; mas, agora, que fez exame de instrução primária, «ele arranja-me um emprego à beira dele». Seus «padrinhos» e suas «madrinhas» não simulam paternalismos está bem? Ai se o «Vintém» pudesse vir aqui contar o que lhe fazem por lá! .. «Vintém» foi um dos «engolidos» pela tal história do «eu arranjo-te um emprego e já podes ganhar»...

Os outros dois, «Maria vai co'as outras», segundo consta, desviaram «massa», que passava bem das duas centenas! Não será difícil adivinhar o resultado da fuga...

Visitantes — Dizia-me há dias um senhor holandês, nosso amigo e que passa umas curtas férias conosco, que as pessoas fazem «disto» um «jardim zoológico». Concordei com ele; mas nem toda a gente procedia assim. Há quem nos visita para viver um bocadinho a nossa vida, as nossas alegrias ou fracassos. É bem pequeno este número, diga-se. Alegria-nos a sua presença.

Mas há outros!... Avenida acima, entram aqui e vasculham acolá; esticam as mãos às ramadas e entram pelos pomares dentro! Depois, ao passar pelos nossos rapazes — «coitadinhos!» Desculpem, mas esta piedade não serve. É «coitada» de mais. Venham até nós e falem con-

nosco, seriamente, sobre os nossos problemas.

Nós gostamos. Queremos. Já não somos marginais (e se o fôssemos!...). Mas jovens como os outros — cimentando Ideal.

Obras — O hospital, o velho hospital, está em obras. O telhado estava em ruínas e metia água. Em vez de «remendo», vestirá, em breve, uma «fatiota» nova. Já tem duas placas colocadas por trolhas e carpinteiros, padeiro e mais os rapazes da lenha. Queremo-lo com as comodidades indispensáveis a um hospital. Mas isto custa!.. Sobretudo os ornamentos, que convém ir pensando neles...

RETIRO

Tivemos o nosso, no mesmo lugar dos últimos três anos: na Longra. (Felgueiras). Uma casa antiga, brasonada, hoje sobre a mão da Acção Católica. Ambiente convidativo à interioridade. Local como que moldado pelas Sábias Mãos para o nosso quarto encontro ali com Ele.

A orientar-nos esteve o P.e Rafael de Serafão, alma empenhada em levantar-nos as pálpebras e fazer-nos ver claro, mais através de exemplos correntes: o espírito bélico que assola as sociedades e a nossa recusa à Mão Soberana que superiormente influi no Tempo... A relação tripartida DEUS — HOMEM — PROBLEMA é uma realidade que a pequenez humana repudia utopicamente. Mas ela é, porque Ele também é — e sem a Sua benevolência... nada. O Remédio (como diria Pai Américo) escasseia, por nossa culpa, para que se possam sarar todas as feridas que chagam a Humanidade... O materialismo dos homens não os levará mais longe do que aquilo que hoje nos é dado: armas, droga, fomes, questúnculas e mortes. Foram alguns pensamentos do nosso Retiro; «dossier» em toda a parte. P.e Rafael foi lúcido e objectivo. Gostámos.

À parte o «negócio sério», tivemos horas recreativas conduzidas por Frei Rui — animador do grupo. Corre-lhe nas veias alegria e música. Tópicos indispensáveis... O sério das conferências e a leveza dos convívios, foram bastante para sabermos conciliar, com propósitos, o objectivo principal — esclarecer a Fé e sermos mais Homens.

Álvaro Henriques



Padre Manuel



VISTAS DE DENTRO

Hoje, por cá, está tudo muito animado. Houve Teatro que não fui ver, pois outros interesses maiores deles não me deixaram. Mas fiz um esforço. E lá fui dar uma espreitadela.

O Teatro, tinha acabado e actuava um conjunto.

Aquele barulho todo — deles e delas (elas eram muitas) — aquela instrumentada toda a fazer, cada qual, o maior chinfim possível e ainda, para cúmulo, com amplificador...

Ora, quem tem de ouvir todos os dias estas centenas de bocas sempre abertas (quem pode mandar calar os passarinhos?) precisa mas é de silêncio ou, para repouso de espírito, de música de Bach.

O conjunto era «pop» e não sei que mais. E o bater das palmas, mais o bater dos pés, mais aqueles berros, mais aquelas danças quebradas e malucas — não me deixaram lá parar um minuto. Vim para o escritório parar e desabafar com o papel:

É provado que estou a ficar velho! Já não aguento o barulho. Mas não tenho o direito de coarctar a sua juventude e despreocupação.

Eles e elas são assim. Gosto de os ver felizes, contentes, descontraídos — à sua maneira e não à minha.

Com o tempo e as responsabilidades da vida aprenderão a ter amor ao silêncio e aos clássicos.

Até lá, eu e vós, que andamos na casa dos 45, temos de nos contentar em ser botas de elástico.

x x x

«Aqui é que é comer!» — dizem eles quando me vêm chegar à praia com a Peugeot carregadinha de coisas.

Pudera: a Emília (mulher do Júlio Mendes) governa e dirige e sabe o que faz.

Eu concordo. Tenho comido lá bem. E até cortado com a dieta!

Gosto de os ver bem tostadinhos do sol, bem fresquinhos do mar e bem tratadinhos da barriga. É tónico por todos os lados. E não regateio o necessário.

Um dos cozinheiros deste turno é o «Reco-checo», que o foi um ano no Lar do Porto.

Cheio de «nove horas» vai prá cozinha e diz à Emília: «Quem vai cozinhar sou eu e você vai aprender». Perante isto, Emília, deu-lhe as chaves da despensa e foi prá Vila às compras, recomendando: «Faz o que quiseres mas não esqueças que a comida tem de estar pronta à uma hora».

Foi-se ela prá Vila e ela prá praia.

Chegou a hora do almoço e o chefe do turno dá ordem de regressar. Só então o meu amigo «Reco-checo» se lembrou que não tinha feito nada e desata a correr, à frente dos outros, para tentar fazer algum «tacho»!

Porém, quando chegou a Casa já estava tudo em ordem e comida feita!

«Reco-checo» desculpa-se: «Que não tinha relógio e a praia estava boa e não deu pelas horas».

Quanto vale ter uma mu-

lher em Casa, e muito mais com «Reco-checo» e dias de bom sol!

Fartei-me de rir com a história. Mas «Reco-checo» diz-me à saída: «Olhe que isto não torna a acontecer — se me der um relógio».

Bem arranjado estou se, para eles fazerem o seu dever, lhes tenho de dar um relógio... Só se fôsse a Boa Reguladora.

Confio que «Reco-checo» não volta a fazer destas. Por isso lá está a Emília. O Júlio é que não deve gostar nada. Já são quase dois meses de ausência. Que hei-de eu fazer? Os Rapazes exigem a sua presença lá e eu alegro-me com isso. E o pobre do Júlio que agente!

x x x

No meio desta «desorganização organizada» como chamava Pai Américo às nossas Casas, há coisas que acontecem e põem à prova a nossa imaginação e engenho de adultos; mas, ao fim e ao cabo, são eles, os Rapazes, que acabam por resolver, batendo-nos aos pontos.

Toda a gente sabe que a cozinha é peça importante na vida.

Se esta peça se desarticula, toda a engrenagem sofre. Foi o que nos aconteceu, e me afligiu, afinal para nada.

«Espinho» (cozinheiro chefe) foi para Retiro com os outros mais velhos. «Bombeiro», seu ajudante, foi para a praia. Ficámos desarmados.

Fui à sapataria buscar o «Amares», que sabe o que faz em comida, mas mal chega

vai prá máquina da batata e corta um dedo! Teve de ir para o hospital, com a refeição a meio.

Atrapalhado, dava voltas ao miolo para resolver o problema, mas não encontrava solução.

Quando volto à cozinha, e vejo «Coradinho», «Candeias», «Juiz da Fome» e «Tinoco» com aventais postos e facas nas mãos muito atarefados!

«Candeias» cortava abóbora, «Coradinho» vagens, «Tinoco» sornava e «Juiz» descascava batatas.

Vi e retirei-me logo ficando a aguardar os resultados daqueles voluntários inesperados que na sua idade ainda nada percebiam de cozinha. Isto julgava eu, mas enganei-me.

Há três dias que dão conta do recado e ninguém se queixa da comida.

Aqui está: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Se assim não fosse teria de contratar um profissional.

x x x

Normalmente, só forçado é que faço estes simples apontamentos pró «Vistas de Dentro».

A razão fundamental é a minha falta de jeito e a dificuldade em as fazer, mesmo em cima dos joelhos, por mor das interrupções constantes a que estou sujeito.

Porém, para lá das minhas limitações e das que me são impostas pelo à-vontade dos Rapazes que não me largam, é o Júlio e a malta da tipografia a pedir «material» pró Gaiato.

Cá vão, pois, mais algumas. São constantes nesta nossa vida com suas horas amargas e boas, e a necessidade de vos fazer partilhar delas.

Hoje o dia (é Domingo) tem sido fértil de «malta» à fruta. Para já o rol vai em 12.

«Espanhol» resolveu fazer-se a si mesmo «piquete» de alerta e fui encontrá-lo de cana na mão a rodopiar dos pomares da mata para as vinhas dos Campos Novos — a zelar pelas peras e maçãs, mai-las uvas.

Já deu «coça» a vários e vem, vez por outra ao escritório, relatar mais uma «corrida» de cana aos atrevidos.

Até a 3 rapazes de fora (que não são da nossa Família) que andavam aos pepinos, lhes deu canada.

Não gosto de os ver a fazer «queixinhas» uns dos outros, mas quando se trata do bem

comum, como é a fruta, admiro e louvo o «Espanhol». É pequeno ainda, mas zeloso.

Que os outros, os mais velhos e até com responsabilidades, aprendam.

A generosidade é virtude exigente e tanto mais quando eles são da raça dum «Mão Leve», dum «Cereja», dum «Olho-Vivo», dum «Zé Manuel», etc. etc.

A fruta sempre foi especialidade deles nas andanças pelas ruas, vielas e mercados das suas terras.

Não é fácil corrigirem esses hábitos, mas, com um «Espanhol» à perna, a coisa acabará por se remediar.

Eles, a ajudarem-se uns aos outros, conseguem muito mais do que nós.

x x x

Há sempre coisas novas cá em Casa. Mais uma deste Domingo. Trazem-me ao escritório o «Azeitona», o Elísio e outro, por terem andado a aceitar coisas dos senhores visitantes.

Olhei para eles e disse:

— Visto que passais tanta «fome» cá em Casa, que até é preciso aceitar comida dos senhores visitantes, ides passar à cozinha e comer; e comer até vos fartardes e, depois de vos fartardes, continuareis até ao fim do dia.

Bom. Acabo de passar lá; são 19 horas. Perguntei se comeram. Mostraram as barrigas bem cheias; mas já não aguentam mais a prisão da cozinha e pedem-me para ir brincar um bocado. Cedi e lá foram eles todos contentes brincar.

Eu entendo que é sempre grande erro desougar (como por cá se diz) crianças; pois assim, a insistir com eles para que aceitem, é que os tornam ougados.

Julgo que estes têm a lição apanhada, não pelo que comeram, pois não tinham fome (graças a Deus, ao nosso trabalho e à ajuda dos nossos amigos), mas por uma tarde de brincadeira perdida.

Padre Abraão

Visado pela
Comissão de Censura



Malanje

Não sinto qualquer diferença, dentro da nossa Casa, no tratamento dado aos nossos Rapazes. Todos nós esquecemos as cores e procuramos viver em fraternidade. Esta fraternidade é fonte de alegria, compreensão mútua e educação para a vida.

Quando alguém me procura, os Rapazes vão ter comigo: «Snr. Padre está ali um senhor ou uma senhora». Vou sempre. Umás vezes são senhores de automóvel; outras, senhores

nativos de pé descalço. O «está ali um senhor» sabe-me tão bem! O respeito pelo homem. Se mais velho, é um senhor.

Há dias, um menino bonito e «bem educadinho» duma família «distinta»: «Não é um senhor, é um preto»!

Cristo quer o amor, a compreensão, o respeito; longe de nós, segundo Ele, a ideia da cor.

Quando beijo o Chissola (o nosso mais pequenino), não vejo o pretinho retinto, mas o

filho; a cor se desvanece e funde no cadinho amoroso, ficando só o Chissola — corpo e alma.

x x x

O Camanho veio ter comigo: — Meta agora o meu irmão, saíram dois, temos lugar. Olhe que minha mãe, quando eu lá fui consigo dar o filme, estava

Cont. na QUARTA página

Falta-me saber se nas gramáticas modernas o verbo dar tem conjugação reflexa. Pela teimosa ausência de quem queira dar-se a estes doentes ando com dúvidas.

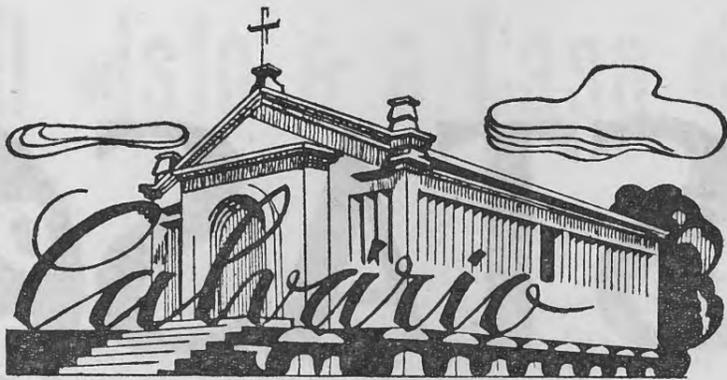
E tenho outra dúvida. Quando aqui recebo um doente abandonado e incurável é a Igreja que o toma a seu cuidado; mas quando eu digo um não a um doente que chega, por não ter quem o possa acolher, não será a mesma Igreja que dá uma negativa ou uma demissão? É outra dúvida que tenho.

Entretanto, conjuguem o verbo dar, que as presenças amigas têm sido muitas. Algumas são mensais. Começemos por elas. Humilde portuense. Portuense qualquer. Uma criada de Portalegre. António com cem escudos. Anónima da rua das Papoilas, com metade. O avô. Antonieta, do Dafundo. António Ramos. Raul, muito discreto. Doente para doentes. Ernest Osswald, no Lar do Porto. M. J. com cinquenta escudos. Álvaro, das Caldas da Raíña. Em nome de Raquel, seu irmão.

Outras presenças também são muito frequentes. Maria Efigénia com 50\$. Maria de Lourdes com mil. Laura com cem. Emília Couceiro com mil. Helena com 300\$. Maria Emília, de Melgaço, com mil. Maria do Resgate. Verónica, de Portimão, com 150\$. Laura com 500\$. Eduardo com 200\$. Duas irmãs com outro tanto. Maria da Luz com 20\$. Carolina Esteves com dois contos. Pequena Anabela com 50\$. Maria com 500\$. Antónia, de Alcains, com 200\$. Duas irmãs. Amiga da Palhaça com 200\$. Regina com 50\$. Elvira com outro tanto. Zé Ninguém com a mesma soma. Maria Lídia, de Braga, com 200\$. Mavília com 40\$. Rosa Celeste com presença amiga. Amélia com 100\$. Dalila com outro tanto. Júlia Costa com 100\$. Eduardo Jorge com a mesma quantia e medicamentos. Assinante 15096 com presença mensal. Assinante 19109 com 20\$ também todos os meses. Carlos Afonso com 500\$ repetidas vezes.

Uma doente que se curou, com 1500\$ para os que se não curam. Maria da Luz com 500\$ e «todo o amor nos 50 anos de casados». Os doentes da Casa de Saúde da Av. dos Aliados com 347\$. É bonito este dar dos doentes aos doentes! Migalhas dum aumento de ordenado «para a Casa da minha simpatia». O Calvário não tem culpa de cair em graça! Maria Amélia, do Porto, com 10 contos.

Estão aqui mais mil escudos ganhos em horas extraordinárias. Um primeiro aumento de ordenado, 768\$. Mais 200\$ de aumento de vencimento. Ainda outro aumento da mesma ordem, 570\$. E outro mais, de 100\$. No aniversário da morte do marido, 500\$. Estes 50\$ vêm acompanhados dum «Deus dê resignação aos que sofrem e paciência aos que os assis-



tem». Maria Loureiro com 100\$. Celeste com suas renúncias da Quaresma. No Montepio de Lisboa várias presenças amigas de que Padre Luís foi portador. Professores da Escola Comercial de C. Branco com 1.055\$. Uma carta com 50\$. Assinante de Braga com 170\$. Do Sindicato dos Músicos 50\$. José Faria com dez vezes mais. Maria Guiomar com 100\$. Aura com 500\$ de aumento de vencimento. Anónimo com outro tanto. Muitos livros para a biblioteca dos doentes. M. Idália com promessa pelo êxito do exame. M. Emília com 50\$ e Francisca com 20\$. Assinante 350 com 300\$. M. Elvira com 600\$,

já muito habituais. Julieta com 100\$. Engenheiro do Porto com 5 contos. Também sabe que no dar não se empobrece. Lúcia do Porto com 100 lençóis, 100 cobertores e colchas. Que oportuna lembrança! Isabel com 200\$. Leopoldina com 500\$. Emília com os mil do costume. Um senhor aqui de perto, vem com este recado: «Tenho compromisso perante Deus de reservar um bocadinho dos meus ganhos anuais para os Pobres. Por isso aqui vão mil escudos». Este senhor sabe doutrina da mais concreta e pura! Palmira com 60\$ e José com 200\$.

De Melgaço 500\$. De Ovar outro tanto. Por alma de Flo-

rinda ainda outro tanto. De Viseu 150\$. De Alcains 200\$. Em homenagem a P. Cruz 100\$. Do Barreiro, nos anos de casados, 1.000\$. De Vilar Formoso 100\$. De Vouzela 500\$. Em sufrágio de J. Gomes, de M. Augusta, de Alice Duarte, de Torcato e Maria, de Rita, de Cristiano, vários donativos.

Aqui estão também «os últimos serviços dum professor liceal — 870\$». Que rico termo de carreira! Dalila com 100\$. De White River, 4 rands. Aumento de aposentação, 628\$. Casal anónimo com 200\$. Nos anos do pai, a filha com 100\$. António com 100\$ e Tobias com igual soma. Emília de Campanhã com 400\$. Ester com 500\$. M. Manuela com 100\$. José Sousa com 300\$. Ana Ramos com 20 dólares. Esmeralda com 160\$. Assinante 16264 com 60\$. M. L. L. com 200\$. Quitéria com 800\$. M. Glória com 150\$. Amiga de há muito com 100\$. J. L. com 500\$ e G. de Melo com 50\$. Diamantina com 500\$. M. Georgina com 500\$ de aumento de ordenado. Raquel com 100\$. Tereza com 20\$. Outra com 100\$. M. da Conceição com 500\$. Outro aumento de ordenado — 320\$.

M. de Melo com mil pelo êxito do exame. Alvaro com 250\$ e «um bocadinho de ternura para com os doentes». Berta Pereira com 20\$ e Hermínia com 500\$. Assinante do Seixal com 500\$ e outros 500\$ para livros. Senhora do Porto com 50\$. Da Amadora soma idêntica. E idêntica quantia envia Mavília. Cândida com o dobro. Uma tia com 500\$ pela saúde do sobrinho que regressou do Ultramar muito ferido. Alberto com 100\$. Alice com mil. Um casal amigo no aniversário de casamento vêm aqui entregar 5 contos. Emília Durães, 500\$. Germano outro tanto. Senhora da Murtoza também a mesma soma. Amélia com 100\$. Outro casal nos 30 anos de presença muito amiga um ao outro, mil escudos. Quim e Otilia 500\$. Três senhores de Silvalde com 1.500\$. Aida com outros 1.500\$. Grupo de religiosas com 600\$. Adelaide com 1.100\$. De Espinho 200\$. Do Porto um A. com 500\$. De Oeiras 100\$. De Chaves 500\$. Mãe agradecida com o aumento de ordenado do filho.

Que a todos o Senhor pague a seu modo.

P.e Baptista

Se o programa de outros anos é o deste, quase na mesma hora em que escrevo será a partida dos felizes convidados a Retiro.

Felizes, porque Deus os chamou e lhes prepara horas deliciosas de convívio íntimo, preciosas de robustecimento espiritual. Felizes, porque tiveram a sabedoria de aceitar. Felizes ainda, pela alegria sã que vão colher, que colhem sempre, profundamente, os que foram e passaram esses breves dias em seriedade.

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

casa. Tem um lugar no meu transporte. Tem um quinhão na minha receita. Tem direito a parte dos meus agasalhos. Pertence-lhe o necessário para ter e educar os filhos. Nos cruzamentos dos caminhos da vida, geralmente os outros têm prioridade.

Tivemos a impressão de que quase todos nos receberam bem. Aceitamos que alguns não nos aceitem. Fomos muito acarinhados. Deram-nos precisamente o dinheiro para pagarmos a carrinha nova, pois a velha tinha cansado a caminho da Praia de Mira. Sentimo-nos felizes. Queremos que todos os homens se sintam felizes.

Padre Horácio

Cantinho dos RAPAZES

Para mim, é o Retiro um dos números maiores da nossa vida ao ritmo anual. Em 17 anos, é o segundo que estou ausente. E, de todas as saudades que a distância causa, esta é a maior. Que o Senhor valorize a bem de vós, o sacrifício da sensibilidade na presença possível e real que vos prestarei, sacramentada no Altar todos os dias desta semana.

Mas há uma razão acidental para dobradamente viver convosco estes dias, este ano. Assistir-vos-á, pela segunda vez, um sacerdote, hoje altamente responsabilizado, a quem não faltariam válidos motivos para se escusar... Pois, frente à minha timidez, foi ele quase a oferecer-se, lembrado da amizade feita anos atrás, amizade que o conquistou e conquistou todos os nossos retirantes de então, que ainda hoje recordam calorosamente

aqueles dias de Graça.

Não posso dizer que, em minha memória, passem, um por um, sem falta de ninguém, estes, dos quais tantos são já pais de família, outros terminam sua vida militar, alguns preparam próximamente o seu lar. Recordo mais intensamente os de quem a distância nos separa, seja a distância física dos que moram em outros continentes, seja a lonjura cavada pelos que seguiram caminhos divergentes dos que quiséramos. E, no entanto, ainda que do entusiasmo e dos propósitos generosos com que deixaram a velha casa da Senhora-Aparecida, alguns nos pareçam desviados, creio firmemente que esses dias de Graça não se perderam, que a sua marca indelével há-de reavivar-se um dia, quando, queimadas pelo realismo da vida as últimas ilusões, o ho-

mem aprende a reconhecer o sabor amargo do mal, quando atinge, finalmente, o estado de adulto.

A adolescência real, a adolescência do espírito e tão mais dudarora do que aquela adolescência oficial que os classificadores computam em meia dúzia de anos! Por isso Deus nunca se cansa de esperar pelo homem! Que seja no último suspiro que ele se atingiu adulto e, na visão instantânea de todo o bem e todo o mal da sua vida, levante os olhos e balbucie: — Pai...! Deus espera! Como não hei-de eu crer?! Como não hei-de eu esperar?!

Ele está no meio de nós. Sempre! E mais intensamente, mais perceptivelmente nestes dias de convívio íntimo, alicerce autêntico da autêntica felicidade. Que nada a macule! Que nenhum de nós a profane!

Cont. da TERCEIRA página

a dormir no chão porque não tinha roupa nem colchão.

Na fala e nos gestos: Comovido! Formoso!

Também fiquei e disse-lhe que ele mesmo escrevesse à mãe para que nos mandasse o irmão.

A esta mãe morreu o marido. Ficou com quatro filhos. Nasceram mais dois. Nunca mais foi capaz de organizar a sua vida. A Família rejeitou-a, o mundo também. Lava umas roupas e é ajudada pela Conferência Vicentina. Nenhum de nós pode atirar uma pedra...

MALANJE

Ela dorme no cimento, ao lado dos filhos que a custo faz caber no colchão.

Meditemos com humildade! Nesta mártir do Senhor — filha duma cidade que cresce e se embeleza; filha das roças do café; filha — neste quadro nã — do nosso egoísmo.

x x x

Mais uma casa concluída,

que nos dá possibilidade de admitir mais 25 Rapazes. Mais 25 camas, 25 colchões, 25 cobertores, 25 colchas, 25 mesinhas de cabeceira, 25 cadeiras às mesas que são quatro.

Tende peninha, queridos leitores, e mandai-nos uma unidade à escolha das atrás ditas.

Padre Telmo



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE